

Livro:
Quando a Rua Vira Casa
Autores:
Carlos Nelson F. dos Santos (coordenador)
Arno Vogel
Marco Antonio da Silva Mello
Orlando Mollica

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; VOGEL, Arno. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. 3ª ed. São Paulo: Projeto FINEP/IBAM, 1985. 156p.

Fichamento:

APRESENTAÇÃO

“É preciso saber quais os verdadeiros efeitos de determinadas ações sobre o meio urbano. Cidades não são objetos idealizáveis abstratamente e nunca se comportam de acordo com as fantasias de quem as trata desta forma”. (pag7)

Quando acaba o trabalho dos projetistas e dos construtores de forma geral, e os usuários começam a usufruir o espaço pronto: “(...)é neste momento crítico de início e de estréia que os trabalhos urbanísticos são dados por terminados. Na verdade estão é começando(...). (pág7)

“Fala-se da necessidade do lazer na vida moderna, nos seus efeitos aliviadores da tensão e reabastecedores da energia consumida pelas dificuldades em viver e em trabalhar ambientes cada dia mais densos e congestionados”. (pág8)

“Registra-se o tratamento injusto dado à maioria das populações urbanas, pobres que não merecem atenções maiores, sendo quase todos os investimentos públicos relativos ao lazer concentrados nas seções mais ricas e valorizadas das cidades”. (pag8)

“O que é ruim nesta história toda é o excesso de discursos desvinculados das ações urbanísticas. É urgente procurar saber duas coisas: 1 – como está acontecendo o lazer em áreas tidas como despreparadas e como o espaço está sendo apropriado para se fazer o que; 2 – o que se passa com os locais espacialmente desenhados para abrigar atividades imaginadas como convenientes para a recreação de um determinado grupo de moradores. Como se vê, uma tentativa de questionar a fundo conceitos e representações em suas versões eruditas e do senso comum, a partir da análise do que aparece, à primeira vista, como simples e óbvio”. (pag8)

“(...) o urbanismo só existe enquanto seja um fazer que forneça os elementos corretivos para novas ações através da crítica dos acertos e erros das anteriores”. (pag9)

INTRODUÇÃO

“O presente estudo quer aprofundar o conhecimento sobre as formas de apropriação destes espaços de uso coletivo”. (pag11)

“Têm sido feitos regulares investimentos em centros de bairro, acreditando corretamente em seu potencial simbólico e multiplicador”. (pag11)

“O saber que permite arriscar previsões para as cidades merece ser revisto a prazos curtos, já que suas conseqüências se fazem sentir sobre números consideráveis de pessoas e correspondem a investimentos de recursos financeiros, sempre escassos em relação às demandas coletivas”. (Pág12)

“(…)uma elite acadêmica ou técnica, detentora de um saber-fazer, considera sua tarefa natural a instrução da massa. Esta seria passiva por excelência e estaria sempre receptiva e disposta a incorporar indicações superiores e iluminadas quanto aos melhores caminhos para a construção ou apropriação dos seus espaços sociais”. (pag12)

“A proposta da pesquisa consiste em uma prospecção de processos e de categorias que, à revelia das suposições técnicas ou acadêmicas, organizam as formas de classificar e usar o espaço coletivo. Trata-se de uma opção antropológica”. (págs 12-13)

Objetivos

“Entendemos que em qualquer sociedade há códigos culturais que viabilizam a leitura, a apropriação e o aproveitamento dos lugares”. (pag13)

Há dois tipos principais de espaços nas nossas cidades: o construído, fechado e, em maior ou menor grau, privatizado (exs. – casas, lojas, fábricas, oficinas, escolas, bares); e o aberto e de uso coletivo (exs. – ruas, becos, largos, praças, jardins públicos, praias). (pag13)

“jogos, reuniões, festas, encontros, cerimônias e atividades assemelhadas que se oponham às idéias de privacidade e de intimidade, encontram na rua o seu lugar ideal”. (pag13)

Universo

“Tanta diversidade expressiva deu lugar a práticas de identificação comunitária: os moradores conseguiram se organizar em torno de uma Associação que há quinze anos vem lutando contra os planos oficiais de renovação urbana que teimam em ignorar os seus interesses de permanência. É por isto que o bairro ainda existe, cercado pelas ruínas dos lugares onde outrora viveram seus vizinhos, que não tiveram condições de resistir”. (pág14) (caso do bairro Catumbi)

O Caso de Controle

“O ângulo escolhido para abordar o Catumbi como unidade espacial e ideológica foi a apropriação das áreas de uso coletivo com fins de lazer”. (pag14)

“Ao contrário do Catumbi, na Selva de Pedra já existe um plano de renovação urbana plenamente realizado”. (pag15)

PRIMEIROS CONTATOS

“(…) intensificaram-se as demolições(…). O levantamento etnográfico se tornou urgente e necessário, alterando as lógicas da metodologia tão cuidadosamente programada”. (pag21)

“O bairro, que havia sofrido uma escalada de desapropriações e demolições que possibilitaram estas obras de vulto, estava à espera do assalto final”. (pág 21)

Alguns Limites Consensuais

“Os edifícios foram demolidos e as ruas desfeitas. Asfalto e concreto soterraram soleiras e quintais”. (pag21)

Começando pela Etnografia de Três Ruas

“Ruas servem como referenciais definidores dos limites de um determinado território. São também unidades de alto significado para quem sabe reconhece-las”. (pag23)

“A palavra rua vem do latim *ruga*. Primitivamente o vocábulo significava um sulco situado entre dois renques de casas ou muros em uma povoação qualquer. Os romanos costumavam imaginar o urbano sem o recurso à noção e à imagem de ruas. A importância de que desfrutam pode ser percebida pela constatação da quantidade de atividades e significados para os quais servem de apoio ou de *locus*”. (pag24)

“Podemos medir-lhes o fluxo, avaliar a carga de tráfego que suportam, hierarquiza-las, testa-las quanto à vocação circulatória, etc. Mas, as ruas que não são mais do que vias de passagem estão animadas por um só tipo de vida e mortas para todo o resto. Não são as que nos interessam”. (pag24)

(...) “o grande acontecimento: a procissão”. (pag25)

A Rua das Fogueiras

“A área está vivendo uma fase de transitoriedade física e moral. Moradores e invasores estão se complementando de forma paradoxal. O primeiros são vítimas do processo de ‘modernização da cidade’ levado a cabo pelo urbanismo oficial. O últimos são exemplos do desprezo com que são tratados segmentos inteiros da sociedade brasileira e da exploração cruel com que se escreve a recente história urbana do país”. (pag29)

“O armazém evoca espaços domésticos. É uma extensão do lar dos proprietários, que moram nos fundos”. (pag30)

“São nestes dois lugares que se vêem diariamente as pessoas da rua; os seus moradores”. (armazém e atelier de costura) (pag30)

“É quando a rua passa a ser usada como significante comum”. (pag30)

“(…) os vizinhos fazem fogueiras próximas ao meio-fio da rua, em torno das quais se reúnem”. (pag30)

“As fogueiras estão a indicar um modo peculiar de apropriação do espaço público das ruas e das calçadas”. (pag30)

A rua ‘Sob Controle’

“As desapropriações seccionaram o tecido do bairro, desmantelando unidades completas que mantinham relações internas de carácter simbiótico”. (pag32)

“A associação, preocupada com os intrusos que tomam conta dos edifícios abandonados, passou a escrever com tinta vermelha nas fachadas: ‘Este imóvel está sob controle da Associação de Moradores do Catumbi’”. (pag32-33)

“Tivemos que ir aprendendo a ver o lugar e começamos a formular questões que fundamentassem a etnografia pretendida. Isto significou ir, aos poucos, ‘tomando pé’ na situação do bairro e nas suas particularidades”. (pag34)

O Viaduto da Linha Lilás

“O fato de suportar uma infinidade de atividades sob seus vãos, não elide seu carácter de símbolo, de marco da tragédia que a ‘renovação urbana’ trouxe aos moradores do bairro”. (pag39)

“Demolir casas, afinal de contas, significa muito mais do que desfazer abrigos. Significa, às vezes, derrubar um modo de vida”. (pag40)

A 'Rua dos Ciganos'

“As descontinuidades, dentro de uma arquitetura vernacular do gênero, remetem a um sistema de signos que fala de status, afiliações religiosas, identidades étnicas, situações econômicas; enfim, dos planos da organização social e do sistema de relações que permeiam a vida no bairro”. (pag47)

“A fachada contínua do correr de casa registra a memória da rua, não apenas no sentido da profundidade no tempo, mas também como memória descritiva de uma totalidade atual espacialmente contida”. (pag47)

A Economia da Rua

“A análise de espaços deve levar em conta as atividades que se dão nos seus diversos recortes”. (pag48)

“Mas, na variação mesma dos eventos possíveis, existe uma estrutura que torna o espaço apenas mais uma dimensão do social”.(pag48)

“A regularidade existe precisamente em todas as maneiras pelas quais um local venha a ser, de fato, apropriado e usado. As regras de utilização do espaço estão permanentemente em construção. Mas, ao fazê-lo, a sociedade estará também construindo um conjunto de relações úteis a seus intérpretes”.

“As atividades como que ‘escolhem’ seus espaços, apropriando-se deles, conformando-os, e sendo conformadas de volta”. (pag49)

“Em resumo, diríamos que um espaço é sempre o espaço de alguma coisa, assim como as coisas só podem ter lugar em algum espaço. O problema da adequação de forma e conteúdo se revela uma falsa questão. Daí resulta uma dificuldade prática: a etnografia de um espaço social não pode ser senão a etnográfica do que se passa nele”. (pag49)

A Casa e a Rua - Uma Descrição

“De imediato, separam-se a rua, espaço conotado pela externalidade e o quintal que, não sendo casa, é, no entanto, da casa; que apensa de externo, não é rua. (...) A casa, porém, ‘olha’ igualmente para a rua e para o quintal”. (pag49)

A sala é (...) “uma exposição da casa dentro da própria casa”. (pag50)

“Em determinados momentos o quintal (...) vira uma sala informal. O traço de união lógica entre o quintal e a sala é, então a hospitalidade”. (pag50)

A oposição Casa x Rua vem acompanhada da idéia de gradação, tal como aplicado ao conjunto dos espaços que designamos pela categoria inclusiva de casa (da Matta, 1979). A rua como domínio oposto ao da casa, tenderia a identificar-se com o público, o formal, o visível e o masculino. A casa, como sua contrapartida, estaria vinculada, em princípio, ao privado, ao informal, ao invisível e ao feminino. Estes, no entanto, são apenas pólos de um eixo para a compreensão do universo social. Os dados da percepção distintiva do masculino/feminino, do visível/invisível, do público/privado, do formal/informal, bem como do dentro/fora, são codificados diversamente, nas diferentes culturas. São significantes privilegiados cuja combinação e significados variam contextualmente”. (pág 50-51)

“A rua pode ser invocada como lugar de passagem, como caminho que leva ao trabalho, ao lazer, ao culto, mas ela mesma dá lugar a todas essas atividades”. (pag51)

“As calçadas pertencem às casas, o que não significa que sejam parte das mesmas enquanto propriedade. O seu caráter público contrasta, por vezes, com as formas pelas quais são circunstancialmente utilizadas”. (pag51)

“As relações mediadas por uma janela-balcão situam-se num outro domínio do social - o trabalho”. (pág 53)

“A porta aberta (ou entreaberta), sobre a soleira de cantaria, (...) é o limiar da casa”. (pag54)

“Mas, em última análise, é principalmente através das portas que o espaço da casa extravaza (sic) para a rua”. (pag54)

“Além das casas de família, também as oficinas, garagens, armazéns e quitandas podem apropriar-se do espaço das calçadas”. (pag54)

“As ruas que terminam em *dead-end*, ou que foram seccionadas por uma intervenção urbanística favorecem essas atividades e tornam possível uma apropriação mais ampla do meio da rua”. (pag54)

As Segundas-feiras

“A feira voltou recentemente. Mas em outro lugar - na rua Emília Guimarães. Mais uma vez pode ser vista como mediadora”. (pag61)

“Surge como que uma nova ‘rua’ dentro da Emília Guimarães”. (pag61)

“Há também o relacionamento com os moradores do morro. A distância que costuma separa-los, física e socialmente, reduz-se”. (pag62)

“Laranjas descascadas (para comer na hora), sucos de frutas, as ‘provinhas’ obtidas do feirante, a observação de curiosidades, como grilos saltadores e cobras-de-papel que correm pelo chão sobre um retrós, tudo isso propicia ocasiões de lazer, interrompendo o trabalho dos que ‘fazem feira’, proporcionando-lhes um divertimento, além da oportunidade de travarem relações jocosas entre si”. (pag62)

OS TRABALHOS E OS DIAS

“Desvendar, analiticamente, o familiar pode dar a impressão de estarmos sistematizando obviedades”. (pag65)

“Nossa etnográfica começou pela busca de uma gramática. Ocupou-se em descobrir um sistema de categorias e relações entre categorias que deve existir em qualquer recorte do social simplesmente para que ele seja viável e plausível”. (pag67)

Espaços, Valores e Atividades

“A primeira coisa que procuramos descobrir foi como os moradores do bairro (é em particular da rua Emília Guimarães) classificavam os espaços. Para que venha a tê-lo, é preciso que se lhe atribuam determinados valores e categorias (Durkheim, E. Mauss, M. 1903)”. (pág67)

“Entre si, os elementos do conjunto constituem um sistema de relações hierarquizado – uma gramática”. (pág67)

“Falamos de casa e rua, quintal e calçada, de ‘meio da rua’, ou ainda de janelas, portas e balcões porque constituem porções do espaço e referências no espaço”. (pág67)

(...) um sistema de espaços só existe em conexão com um sistema de valores, ao passo que ambos são impensáveis sem a correlação necessária com um sistema de atividades”. (pág 67-68)

“O artifício consiste na distinção de um conjunto articulado de espaços, associado a um conjunto articulado de valores. O primeiro abrange as categorias casa e rua, enquanto recortes do espaço, e todas as categorias que lhes são homólogas (quintal, calçada, etc.). O segundo abrange as noções de público e privado com todos os seus possíveis matizes, a formalidade ou informalidade, a visibilidade ou invisibilidade aplicáveis ao primeiro. Existe, no entanto, o *tertius quid* - o sistema de atividades ou usos – que se aplica por sua vez aos dois anteriores, dando-lhes uma dinâmica graças à qual se prestam à manipulação. A sua função seria a de articular categorias como praticar ou desfrutar o lazer, trabalhar, morar, com todas as suas

possíveis modalidades. As combinações destes 'três sistemas' se situam, no entanto, num eixo temporal. Em função disso a totalidade social surge no seu caráter processual e dinâmico". (pag68)

Combinando Tudo

"A conjunção do morar com o trabalhar num mesmo recorte da classificação é sempre problemática e requer redefinições e, portanto novos recortes do espaço". (pag69)

"Um ponto vem a ser um espaço, nas calçadas, nas esquinas ou no leito da rua, que é apropriado por determinadas práticas e pelas pessoas que a elas se dedicam. O ponto-do-bicho é um bom exemplo desta forma de apropriação do espaço coletivo. Assenhorear-se de um local através de uma atividade, implica, de certa forma, em particulariza-lo não só pela 'especialização' que lhe passa a ser atribuída em termos de uso, mas também pela conseqüente vinculação a pessoas, grupos, turmas e 'patotas'. O ponto pode ser ligado ao trabalho ou ao lazer e é caracterizado pelo exercício regular de uma atividade. Tal atividade terá de ser necessariamente de domínio público, sem o que seria incapaz de criar o ponto. Este, por sua vez, poderá ser formalmente reconhecido como no caso do ponto de ônibus, ponto de táxi. O processo, no entanto, não é o mesmo observado no caso do ponto-de-bicho. Aqui será a própria atividade que, ao dota-lo de significação, torna-o passível de identificação. Uma casa, porém, só poderá ser reconhecida como ponto na medida em que se acentue sua face pública por complementos sob forma de signos. É necessário, no entanto, algo mais do que um signo para constituir um ponto". (pág 70)

Classificação: Um lugar de muitos lugares

"Sabemos, no entanto, que a diversidade é uma dimensão sem a qual o lugar não pode ser imaginado. Se é verdade o que propomos, esta diversidade é um elemento estrutural do conjunto das relações sócio-espaciais que confere ao bairro a sua identidade tradicional". (pag71)

"Não há dúvida que o sentido é relevante, pois a casa é o lugar da moradia, como a rua é o lugar, o domínio do trabalho. Se tomarmos então, a oposição casa e rua como significando, respectivamente, moradia e trabalho, fica difícil entender como é possível que o alfaiate trabalhe em casa, enquanto o freqüentador do armazém, que pertence ao domínio da rua e, portanto, do trabalho, possa dizer dele que é 'sua casa'". (pag73)

As condições da Diversidade

(sobre Jane Jacobs,1973) "A partir da sua experiência de crítica urbana, procura descobrir o que torna as cidades atraentes. Busca na experiência das ruas, dos bairros, dos variados ambientes urbanos que compõem uma cidade, as condições que a tornam viável". (pag78)

"Nesse sentido, a diversidade urbana, além de ser uma propriedade das cidades, deve ser reconhecida como o princípio que as torna cidades". (pag78)

"(...)o cotidiano, com sua inevitável mistura, com suas combinações complexas variáveis e cambiantes, devia ser a verdadeira fonte e o foco do conhecimento urbano". (pag78)

"Jane Jacobs sintetiza quatro fatores que podem favorecer um *optimum* de diversidade num recorte qualquer do tecido da cidade. A multiplicidade de usos primários, a necessidade de quadras pequenas, a mistura de edificações de idades

variadas e uma certa densidade, inclusive residencial, são, para ela, os geradores da diversidade urbana (jacobs, 1973:162)". (pag78)

"As desapropriações expulsaram do bairro unidades domésticas inteiras, e em grande quantidade. Favoreceram, é verdade, o aparecimento de uma nova categoria de morador e permitiram uma recomposição precária da densidade. Ocasionalmente, no entanto, um perigoso processo de degradação da identidade local". (pág 82)

A Importância da Diversidade como Princípio Estrutural do Urbano

"Começamos a etnográfica do Catumbi pelas ruas. Nossa primeira intuição apontava-as como lugares especialmente favoráveis à apreensão da maneira pela qual os habitantes do bairro se apropriavam do espaço de uso comum para diversos fins, inclusive, e principalmente, para o lazer. Por isso decidimos considerá-las como *methodos*. Elas deviam ser, se a situação era correta, os meios através dos quais era possível chegar ao sistema de relações que, nessa sociedade, orientava o uso dos espaços". (pág82)

"Assim, consideramos o significado da rua como sendo o uso ou a multiplicidade de usos efetivos que dela se fazem". (pag82)

"A rua é o lugar onde se dá o social também como espetáculo. Daí o seu fascínio". "é o palco por excelência do social". (pag83)

"Troca, evitação e conflito vão sempre juntos. São termos virtuais de qualquer relação social e como tais serão considerados". (pag84)

O Contato: A Rua como espaço de Sociabilidade

"Sua verdadeira importância fica evidente a partir do momento em que venham a ser reconhecidos como elementos de um conjunto. O conjunto dos contatos é uma das dimensões em que a diversidade se manifesta e pode ser apreendida". (pág 87)

"Mediar, portanto, significa também, saber reconhecer as diversas formas e critérios de aferição de um desempenho em múltiplos contextos. Significa combinar conhecimentos e habilidade, ou seja, regras e modos vigentes nos domínios sociais a serem mediados. Isto confere ao indivíduo a capacidade legitimada de traduzir mutuamente estes domínios". (pag88)

"O 'tempo no bairro' dirá quem é ou não confiável". (pag88)

"No caso, o 'ser igual' significa ser igualmente desconhecido e, conseqüentemente a desconfiança é o princípio que rege as operações de troca". (pag89)

Muitos Olhos – Segurança e Socialização nas Ruas

"Estranhar-se é desentender-se. É perder o solo comum que tornava a troca e interação possíveis".(pág 90)

"Como os contatos ocorrem em espaço públicos,(...), podemos aceitá-los como atos públicos. Eles constituem e alimentam a rede de relações graças à qual se produz socialmente a confiança". (pag93)

"A casa e a rua são elementos do urbano e essa qualidade partilhada as faz membros de uma classe". (pag94)

"Relacionando os dois pares, temos que a casa está para a rua assim como o privado está para o público". "Isto quer dizer que guardam entre si o mesmo tipo de distância e constituem recortes da mesma ordem de determinados *continua*." "A casa pode equacionar-se com o público, e a rua com o privado, embora, à primeira vista, isso possa parecer paradoxal". (pag95)

"Lembramos que existem casas que, enquanto recortes do espaço urbano, são públicas". "Existem ruas particulares, ou momentaneamente particularizadas, quando, por algum motivo, se fecham, como no caso de festas, feiras, etc". (pag95)

“ A relatividade do público e do privado, ou da casa e da rua, fica mais evidente ainda se considerarmos sua relação com os respectivos grupos que usam esses espaços, ou que têm pertinência dentro deles. A casa está para a família como a rua está para os moradores” (pag96)

“A Passarela do Samba, ‘sambódromo’(...)”. “Neste caso, o ritual de inversão ficou por conta do poder público e dos planejadores, e não do carnaval. Este costuma redefinir o espaço da cidade invertendo-o, para seus efêmeros festejos. Aqueles eternizam o momento, destinando-lhe uma forma exclusiva”. (pag102)

“Temos aí, mais uma vez, a ilustração da ‘maldição dos vazios fronteiriços’. Nada pior do que este tipo de área para o lazer das crianças e adolescentes. Delas está ausente a sociedade nas sua complexidade”. “Livres da vigilância dos ‘proprietários naturais da rua’(...)”. (pag103)

O CASO DE CONTROLE: A ‘SELVA DE PEDRA’

Cada um por si

“É considerado bom vizinho aquele que ‘não perturba’”. (pag115)

“Os blocos de edifícios funcionam, em primeiro lugar, como espaço-abrigo(Costa, 1976). Como habitação, no sentido estrito. Atendem às necessidades básicas do morar – recuperação e abrigo físico e psíquico (sono, alimento, higiene, etc.). Neste sentido correspondem à casa como lugar das relações de substância do grupo doméstico na sua forma mais restrita e nucleada”. (pag115)

“A busca de segurança no isolamento é sempre referida em dois contextos – quando se fala da privacidade, como um valor eletivo do estilo de viver (sempre em oposição aos ambientes em que todo mundo se conhece), ou quando se fala do crescimento e da transformação do bairro”. (pag116)

‘O Defeito dos Ricos’: A Selva

“O depoimento revela o caráter precário do controle do espaço que, aliado ao temor de represálias e ao grau elevado de impessoalização vigente, são os grandes responsáveis pela insegurança”. (pag122)

“Faltam instâncias de mediação e incorporação dos estranhos na Selva de Pedra. Por isso mesmo a vida pública com suas redes de contatos e conhecimentos parece precária. Os ambulantes, jornaleros ou o pessoal das portarias dos prédios supre um pouco a deficiência. Mas a impressão que fica é a da ausência de relações pessoais no espaço público. Falta a comunidade nas ruas”. (pag122)

CONCLUSÃO: RUA OU ‘SELVA DE PEDRA’?

“Queríamos recuperar um *know-how* que supúnhamos existir nas regiões urbanas de desenvolvimento autônomo. Suspeitávamos que teriam muito a transmitir”. (pag127)

“As áreas planejadas mereciam-nos uma certa desconfiança. O planejamento tinha conotações de uma intervenção normativa autoritária, cuja competência e eficácia pareciam duvidosas” (pag127)

O Mundo da Rua

“O princípio da diversidade, como ressalta a etnografia, dá margem a muitas conjunções de espaço e atividade. Elas não se excluem, entretanto. Os conjuntos que formam têm fronteiras fluídas. Podem recobrir-se parcial ou totalmente. Quer dizer, não há uma coisa apropriada para cada espaço, nem um espaço apropriado para cada coisa. A mistura não é um acidente. É um estilo da vida urbana nessa

área. Os arranjos que produz estão limitados a um determinado espectro de possibilidades, o que significa que existem e são admissíveis e lógicos vários tipos de ordem”. (pag128)

“Casa possibilidade de combinação é um conjunto. Cada conjunto é um contexto. A interseção de dois contextos, no entanto, constitui um terceiro. Deriva dessa propriedade das classificações politéticas, que categorias e espaços sejam relativos. Variam de acordo com o contexto: o que é trabalho em um, pode ser lazer em outro. O que é público, em determinadas circunstâncias, pode ser privado em outras. O que é casa de uma perspectiva, pode ser rua de outra”. (pag128)

“A pedagogia da rua, a rua como *methodos*, é o meio fundamental de elaboração da cidadania e da civilidade. A cidadania é a convicção da autopertinência a um universo social que compartilha um conjunto de representações e relações sociais. A cidadania, mais do que um estatuto formal, é o exercício da responsabilidade com relação ao que é comum. A civilidade é o manejo apropriado do sistema classificatório tal como o reconhecemos no outro quotidianamente. É o exercício apropriado de aplicação das regras e, portanto, sua reprodução diária ao nível da sociabilidade. Seu desempenho institui, permanentemente, o social. É preciso ‘ter tempo’ no bairro...” (pág 130-131)

A Selva de Pedra

“Há uma nítida preocupação com a separação das funções e dos espaços, de maneira que a cada função corresponda apenas o uso que lhe é ‘adequado’”. (pag132)

“A linguagem funcionalmente ‘pura’ tenta estabelecer uma correlação unívoca entre um espaço e a prática para a qual foi concebido. O único jeito de fazer isso é tentar chegar a uma classificação minuciosa e exaustiva das práticas e dos espaços, que, no limite, corresponderia a um sistema de categorias recobrimdo toda e qualquer unidade mínima de espaço ou atividade”. (pag132)

Divide et Impera

“O planejamento urbano racionalista acaba se transformando numa espécie de taylorismo urbano, que segrega, particulariza e disciplina os espaços. E as atividades, por consequência. Tudo para se obter maior produtividade e eficiência”. (pag135)

“O dilema já se incorporou ao senso comum dos habitantes da cidade, que o discutem, sem floreios acadêmicos, mas com o envolvimento de quem precisa resolvê-lo no cotidiano”.(pag135)

“Voltando ao velho dilema da tradição e da modernidade, uma análise simplista poderia julgar que estamos diante de uma opção binária. Ou o meio urbano tradicional com as suas casas e ruas, onde todo mundo se conhece, as relações são personalizadas, as regras e práticas de uso dos espaços comuns são negociadas por todos, e onde há segurança e comunidade nas ruas. Ou a moderna ‘Selva de Pedra’, com seus muitos edifícios voltados pra uma praça, onde as pessoas não se conhecem, as relações são impessoais, as regras e práticas de uso dos espaços comuns estão reificadas nos regulamentos (ou não existem quando os espaços são públicos) aplicados pelos síndicos. E onde não há segurança porque não existem os muitos olhos da comunidade nas ruas”. (pág 140)

“A lição que retiramos da análise detida do Catumbi e da Selva de Pedra, nos diz, em primeiro lugar, que só podemos compreendê-los enquanto tipo e modos de vida urbana, quando os vemos na posição relativa que ocupam sobre o eixo contínuo da evolução do Rio de Janeiro.” (pág 140)

“No outro estariam os condomínios exclusivos(...)”. (pag140)

“Assim, só não é de lazer o espaço que de fato jamais é apropriado por uma atividade considerada de lazer no sistema classificatório de uma determinada sociedade ou cultura”. (pag142)

“Se o mundo urbano é um equipamento potencial de lazer, quanto mais complexo e diversificado, tanto mais plenamente pode ser apropriado para este fim. Planejar espaços para fins de lazer não é construir campos de futebol, ciclovias, ou criar áreas verdes. É cultivar um meio urbano cujas ruas permitam jogar uma ‘pelada’, andar de bicicleta, ou simplesmente passear à sombra. O planejar é cultivar no sentido primeiro da palavra; acompanhar o dia-a-dia, intervir dia a dia na escala do dia-a-dia.” (pag142)